

A MULHER NO CONTESTADO

Ir. Celestina Peron

1. As bravas anônimas.

A mulher, no Contestado, foi uma brava anônima. Com sua fé, expulsa de Taquaruçu, foi dar cobertura à construção do novo reduto em Caraguatá. Foi mulher humilde, cozinhou, costurou, cuidou dos doentes e dos feridos nos ataques. Chorou a morte de seus filhos por desidratação e fome. Sofreu ela própria a injustiça que imputaram à sua gente. Foi ela a construtora da utopia que o caboclo sonhou no sonho de Deus alimentado pelos monges. No auge da violência, também ela tomou as armas para matar ou morrer, defendendo-se, no reduto de Santa Maria.

A mulher no Contestado produziu a sua história de mãe e de filha, de companheira pobre e oprimida, na liderança e no esvaziamento até à morte por inanição. Mesmo em que pesem os preconceitos oficiais, ela não se aviltou pessoalmente, envolvendo-se numa languidez mórbida e sensualista ou na prostituição. Se um ou outro chefe, abusando de seus poderes, fez o jogo com mulher alheia, tal não pode ser dito sobre milhares de mulheres envolvidas nesta busca de libertação.

Só no reduto de Caraguatá, as acima de 17 anos eram mais de duas mil (2.000). No Contestado a mulher não se prestou ao jogo que Jacobina Maurer implantou no Ferabrás, onde vingou o movimento messiânico dos Muckers, em São Leopoldo, entre 1872-1874. Jacobina, desde que se considerou descasada com João Jorge, tomou como marido Rodolfo Sehn, descasando-o para isso. Ela indicou casais que deviam separar-se, e ligou outros maritalmente uns aos outros. Ordenou a degola de crianças e deu o triste exemplo de mãe que mata seu próprio filho de peito.

A promiscuidade não vingou nos redutos. Antes pelo contrário. Predominou uma moral familiar católica tradicional e uma rígida ética do sistema de compadrio. O velho Rufino, de 89 anos, dos arredores de Curitiba, que morou um ano e dois meses em Santa Maria, testemunhou a Douglas Teixeira de Monteiro, que nos redutos houve muito respeito pelas famílias. "Não era como aqui, o negócio era sério". Adeodato, nos últimos tempos de Santa Maria, mandou expulsar do acampamento "toda mulher que se governasse" e ela seria fusilada se voltasse. Tal espírito, sem dúvida, reflete a exclusão do velho Simeão Meireles: "Faz mais de um ano que eles me tocaram de lá porque eu tinha duas mulheres", confessou ele ao Coronel Estillac que estava para fusilar o velho ribaneiro de cabelo e barba compridos.

2. De como o "repressor" vê as heroínas anônimas.

Em finais de outubro de 1912, em torno da estátua do Marechal de Ferro, em Curitiba, numa grande manifestação cívica pró-combatentes de Irani, reuniu-se uma expressiva multidão. A professora Alda Silva, avaliando a dor e o luto paranaenses, concitou o povo. Sobretudo "nós, quer como filhas, quer como irmãs, como esposas ou como mães, não devemos perturbar com as nossas lágrimas a serenidade de ânimo, a tranquilidade de espírito, a coragem que impulsiona nossos pais, nossos maridos, nossos irmãos e nossos filhos, para enfrentarem a luta com dignidade".

Meses depois, o tenente coronel Herculano Teixeira de Assumpção descrevia as mulheres do outro lado com estas tintas: "Em geral, as mulheres eram mais ignorantes, muito supersticiosas, tendo o espírito religioso exagera-

damente apurado e, portanto, predisposto para a sugestão, fanatizando-se com facilidade. Elas, quando não conseguiam convencer seus maridos de que deviam adotar a doutrina de José Maria, fazendo-os ir para o meio dos sicários, fugiam para lá com seus inocentes filhinhos."

Houve homens e mulheres que nem puderam chegar ao lugar desejado; deixaram-se cair no caminho e ficaram aguardando a morte por inanição. Maria Alves Moreira, que viveu nos redutos desde Caraguatá até os últimos dias do conflito, afirmou: "Se uma mãe ia andando e não aguentava carregar o filho, este jazia no caminho; quem passava, olhava, até que a criança morria. Crianças morriam atoladas no barro durante a marcha. . ."

A "Campanha do Contestado" foi "vitoriosa" porque matou à fome aquela gente e embruteceu-lhes o sentimento, a ponto de mães trôpegas e famintas abandonarem à morte seus próprios filhos!

a mulher no Contestado teve inúmeros gestos de coragem e ousadia.

3. As bravas e fortes desconhecidas.

Todavia, a mulher no Contestado teve inúmeros gestos de coragem e ousadia. A memória do vencedor guardou, sobretudo, Maria Rosa, apesar de denegri-la. No entanto, há inúmeras outras bravas e lutadoras.

Dona Dulce, mulher forte e decidida, foi quem tomou a iniciativa de conquistar a nomeação do marido como "comandante geral" do recém-iniciado movimento de Taquaruçu, em 1913.

Maria Angélica, viúva de 60 anos, impôs-se entre todos por causa de seu fervor religioso, espírito austero e sensato. Sua postura foi um exemplo e estímulo no acampamento.

Outra mulher forte foi a "mulher do Praxedes". Parece que a história não lhe preservou o nome. No entanto, ela própria se apresentava assim: Praxedes foi dono de uma fazenda em Taquaruçu.

Maria Fermina da Conceição, por volta de 1906, muito jovem ainda, casou-se com Adeodato. Ajudou o marido como capataz de fazenda em Perdizes Grandes. Maria Fermina, compungida, dividiu seu teto com Mariquinha, a viúva de Chiquinho de Alonso. Mariquinha, jovem e bem feita de corpo, "virou os cornos para o lado do seu compadre Adeodato". . . E ele em menos de dois meses mandou matar Maria Fermina, casando-se logo em seguida com Mariquinha, segundo o ritual jagunço.

4. As "virges" e o encanto do Contestado.

As "virges" exerceram um papel simbólico, quando não meramente decorativo. Elas aparecem desde os tempos de José Maria. Frei Rogério e Demerval Peixoto tracejaram uma história de José Maria que seria caçador de dinheiro e de "amores". O fato é que ele foi amado pelos

seus "crentes", que não puseram sua moral em discussão e até mesmo confiavam suas "virges" — meninas de seis, sete anos — a dormirem em seus braços. Terá sido uma delas Teodora, a neta de Eusébio e Querubina.

5. MARIA ROSA, a que sabia tudo, e era por todos acatada.

A crente fervorosa, que gostava de vestidos brancos enfeitados com fitas e penas multicores, foi a juíza severa e liberal, julgando simultaneamente com mão firme e com o coração. A "Virgem" que não sabia ler nem escrever, mas que marchou à frente das procissões empunhando sua espada enfeitada e carregando e grande bandeira branca com a cruz verde, não foi prevalentemente a "virgem guerreira", apesar dos combates que enfrentou em Caraguatá.

No governo de Maria Rosa, a fé cabocla tomou formas concretas em projetos de transformação social.

Maria Rosa foi a comandante da segunda fase do Contestado: a fase de transição do messianismo para o banditismo. No governo de Maria Rosa, a fé cabocla tomou formas concretas em projetos de transformação social, não apenas em suas propeções, mas também em sua concretidade. É sob sua coordenação que se experimenta o maior tempo de vida fraterna em paz, onde todos viveram como irmãos, dividindo seus bens com alegria, perseverando no ensinamento da religião, tendo tudo em comum (cf. At 2,42-44). Evidentemente, longe de serem a idealização do paraíso, os redutos viveram em meio às alegrias e às tensões próprias

do "banquete dos pobres", vivendo na "cidade santa" deste mundo.

Maria Rosa foi a heroína vencida. Por isso a história preferiu abrir páginas para outra guerrilheira catarinense — não a dos pobres e marginalizados — Anita Garibaldi (aliás, Ana de Jesus Ribeiro), que partilhou da fama do seu marido em outras terras. Maria Rosa, que lutou pela sua própria terra natal, e foi comandante geral de um movimento de mais de 25 meses, não mereceu sequer uma linha positiva na história oficial: tudo porque foi heroína vencida, num movimento julgado inglório, e porque somente a prepotência dos vencedores domina a história.

Maria Rosa, "Joana d'Arc do Contestado", teu nome ainda não nos é conveniente. Maria Rosa de Souza, tu lutaste em defesa de terra para os sem-terra, e isto não foi do agrado dos coronéis e governantes, nem dos donos da Holding Brasil Railway.

Maria Rosa, nasceste para ser heroína vencida: por isso, teu nome está banido entre nós, e os dominadores ainda temem as idéias que defendeste; por isso, tentam convencer-nos de que devemos esquecer-te.

Mas, na voz e no ideal dos caboclos tu vives. És uma ressuscitada que vives no teu povo. Ajuda, pois, tua gente sofrida e marginalizada de hoje. Ajuda-a, acima dos monumentos e preconceitos do nosso machismo. Ajuda-a, acima mesmo de nossa divisão de poderes políticos e religiosos.

É teu povo que precisa de ti, do teu ideal e da tua luta, para ter terra e trabalho. Maria Rosa, roga por esta gente!

NOTA:

Pesquisa realizada no Contestado, esp. nas apostilas de Pe. Hélcion RIBEIRO, de Lages, e Dr. Nilson THOMÉ, de Caçador.

Endereço da autora:
Cx. Postal 227
89500 CAÇADOR, SC

A MULHER CONSAGRADA NA LUTA PELA TERRA EM SANTA CATARINA

Ir. Olímpia Gaio IFAP
Diocese de Lages

1. Introdução

O grupo das mulheres cristãs de Santa Catarina se propôs refletir sobre a participação da mulher na conquista da terra. Foi um estudo preparatório para o III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher, cujo tema fundamental foi: Mulher — Terra — Teologia.

Os enfoques trabalhados neste Regional foram:

— A mulher em Santa Catarina na época da colonização;

— A mulher catarinense e o solo urbano;

— A mulher no Contestado;

— A mulher consagrada na luta pela terra ⁽¹⁾.

A CRB tem como prioridade: "Viver a dimensão profética da Vida Religiosa". Obviamente, a luta pela terra inclui um elemento essencial do profetismo, considerando a denúncia e o anúncio permanentemente presentes na HISTÓRIA DA TERRA.

Como a religiosa sente esta realidade e o quanto ela se envolve nesta caminhada? A partir desta indagação, elaborou-se um questionário e foi enviado às comunidades das oito dioceses do Estado.

Resumidamente apresento alguns dados da realidade e as conclusões que emergiram.

2. Religiosas envolvidas, parcial ou totalmente, na luta pela terra em Santa Catarina.

Conforme dados estatísticos de 1987, do Regional Sul IV, Santa Catarina contava com 2.251 religiosas. Destes, 1.777 eram religiosas.

Estas, em todo o Brasil, eram 38.782, com relação média de uma religiosa para cada 3.400 habitantes. Nos Regionais do Sul do país estão 50,6% das religiosas, para 37,1% da população brasileira. Em Santa Catarina vivem 5,2% das religiosas do Brasil.